

V Assembleia Geral

Aparecida. Janeiro/2019

DOCUMENTO FINAL

Sodalício de Vida Cristã

Introdução

1. De 6 a 27 de janeiro de 2019, nós, membros do Sodalício de Vida Cristã, nos reunimos em nossa V Assembleia geral, junto ao *Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, coração católico do Brasil, onde se venera a imagem que foi resgatada das águas do rio Paraíba do Sul por três humildes pescadores no ano de 1717. Colocamo-nos sob o manto da Virgem. Escutamos as palavras que iluminaram nossas reflexões, apontando-nos o Senhor nesta etapa crucial de nossa história: **“Fazei o que Ele vos disser”** (Jo 2, 5).

2. Acompanharam-nos as autoridades eclesiais a quem o Santo Padre Francisco quis confiar a tarefa de velar por nossa Sociedade: O delegado ad *nutum*, card. Joseph William Tobin, C. Ss.R., arcebispo de Nova Jérsey; o comissário apostólico, Mons. Noel Lodoño, C. Ss.R., bispo de Jericó, que presidiu a Assembleia até a eleição do novo governo geral; o comissário apostólico adjunto Fr. Guillermo Rodríguez, O.F.M.; e o P. Gianfranco Ghirlanda, S.J., assistente pontifício e diretor dos exercícios espirituais. Por meio de seu generoso serviço, de sua experiência e sabedoria, pudemos sentir não só a solicitude paternal do Sucessor de Pedro, como também a companhia maternal da Igreja que nunca abandona seus filhos, velando para que possam chegar a um porto seguro no meio da tormenta.

3. O local que nos acolheu nestes dias foi o *Seminário Bom Jesus*. O card. Raymundo Damasceno Assis, arcebispo emérito de Aparecida, nos fez perceber quão significativo era aquele lugar. No tempo em que uma ala do seminário era um asilo, esteve aqui a primeira santa do Brasil, Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, fundadora da *Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição*. O Seminário também foi visitado por outro santo: João Paulo II, o papa que nos deu a Aprovação pontifícia. A intercessão destes santos nos acompanhou neste lugar abençoado que também alojou os papas Bento XVI e Francisco.

4. Dedicamos os primeiros dias da Assembleia aos exercícios espirituais. Começaram na solenidade da Epifania e terminaram na Festa do Batismo do Senhor. A própria liturgia convidou-nos a contemplá-IO (ver *Mt 2, 11*) e a escutar sua voz (ver *Mt 3, 17*). Fomos aprendendo a olhar para nós mesmos com os olhos de Deus na oração, na meditação e no exame pessoal. No silêncio fizemos nossas as palavras do Eclesiástico: “Meu filho, se te apresentares para servir o Senhor, prepara-te para a provação. Procura ter um coração reto, sê constante” (*Eclo 2, 1-2*). O itinerário de nossas reflexões seguiu as Regras de Santo Inácio “para de alguma maneira sentir e

conhecer as várias moções da alma: as boas para reter e as más para deixar”¹. Conforme a sabedoria da tradição inaciana — que nos iluminou desde o início do nosso peregrinar como comunidade — fomos convidados a tomar consciência do que vivemos em nosso interior, tanto pessoal como comunitariamente. Perguntamo-nos o que o Senhor estaria fazendo e o que provinha do maligno, o “inimigo da natureza humana”², sabendo que nada escapa da Providência Amorosa do Pai. Foi um tempo para abrir o coração ao amor de Deus³ nas experiências de consolação e desolação, reconhecendo nossos pecados, negligências, fraquezas e omissões para receber sua palavra reconciliadora e aceitar que somente a ação do Espírito Santo pode purificar e iluminar nossas aspirações e projetos futuros.

5. Na segunda semana iniciamos formalmente as seções deliberativas. A Eucaristia de segunda-feira, dia 14, foi presidida pelo card. Tobin. O Evangelho do dia (*Mc* 1, 14-20) convidou-nos a recordar a essência de nossa vocação: “Jesus disse-lhes: «Segui-Me e farei que vos torneis pescadores de homens». Eles imediatamente deixaram as redes e seguiram a Jesus”.

6. Recebemos as informações dos comissários apostólicos, que incluíam algumas das conclusões que apresentaram à Sé apostólica. O superior geral compartilhou conosco sua avaliação geral dos últimos seis anos de nossa sociedade e os responsáveis das áreas do conselho superior fizeram o mesmo. Finalmente tivemos uma visão panorâmica da vida comunitária e apostólica nos vários lugares onde o Sodalício está presente. Junto com isso também recebemos esclarecimentos significativos dos que nos acompanharam: sobre o discernimento do carisma na situação complexa que estamos vivendo, sobre a formação e o caminho de nossa renovação, aceitação e reconciliação; e sobre o governo e o manejo de nossos bens econômicos.

7. Não faltaram os consolos, como a confirmação de nosso carisma, a proximidade de nossa família espiritual, o testemunho de fidelidade de tantos sodálices no meio de tribulações e os frutos de nosso humilde compromisso na missão da Igreja, dando testemunho do Senhor Jesus, especialmente aos jovens, manifestando um amor solidário e preferencial pelos pobres e anunciando o Evangelho até as raízes da cultura e das culturas do homem⁴. Foi também um momento de continuar abrindo os olhos às realidades duras, dolorosas e às vezes desconcertantes, que temos que integrar na compreensão de nossa história para que brilhe com clareza o que é verdadeiramente autêntico em nosso carisma. Enfrentamos o sofrimento nesse esforço de abertura convencidos de que “Deus não quer simplesmente que sejamos atormentados, mas que reflitamos sobre todas essas coisas segundo a sabedoria do Senhor”⁵, que não é outra senão Ele mesmo crucificado (ver *1 Cor* 1, 17-25).

8. Assim podemos avançar em um exame de consciência comunitário que nos ajude a caminhar rumo à reconciliação. O primeiro passo é a acolhida dos dons recebidos do Senhor e a gratidão pelas muitas maneiras em que se faz presente em nossas vidas. Dessa consciência surge a evidência do que contradiz esses dons. Nesse contexto foi muito importante, pessoal e comunitariamente, abrir-nos tanto ao dom do carisma recebido como aos fatos graves totalmente contrários ao Evangelho que são parte de nossa história. Se o dom nos enche de alegria e esperança, esses fatos nos causam dor, vergonha e sincero arrependimento. Por isso

¹ Santo Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, 313.

² Ver *Santo Inácio de Loyola*, *Exercícios Espirituais*, 325, 326 e 327.

³ Ver *Constituições*, 2: “O amor, que manifesta a passagem da morte à vida, constitui a essência do espírito do Sodalício”.

⁴ *Constituições*, 8.

⁵ Orígenes, *Homiliae in Ezechielem* 5, 1

elaboramos um comunicado no qual, renovando nosso pedido de perdão, manifestamos nossa posição frente a estes fatos, buscando nos responsabilizarmos por eles perante o Senhor, perante nossas consciências e perante as pessoas que sofreram os graves desvios de condutas de membros de nossa comunidade.⁶

9. A comunhão entre irmãos, centrada na celebração da Eucaristia, foi um espaço fecundo no qual a graça nos impulsionou a avançar no caminho evangélico às vezes árduo. No diálogo franco fomos aprendendo a escutar-nos mutuamente, a salvar a proposição do próximo, a pedir perdão e a perdoar, a respeitar a consciência do irmão e não julgá-lo, a acolher e respeitar as ideias e experiências do outro, mesmo quando sua sensibilidade não é a mesma que a própria. Assim foi brilhando a grande riqueza de nossa comunidade como espaço de encontro e reconciliação.

10. Foi evidente a amizade simples e profunda entre sodálites de várias idades, provenientes de vários países, com experiências e sensibilidades diversas, com atividades apostólicas diferentes. Essa amizade é um sinal muito poderoso de que o trigo semeado pelo Senhor é um carisma eclesial autêntico e continua crescendo, sem ser encoberto pela cizânia introduzida pelo inimigo (ver *Mt 13, 24-52*).

11. Na segunda-feira da última semana iniciamos o processo de eleição de novas autoridades. A Sé apostólica designou o novo Superior Geral e os membros do Conselho Superior entre os sodálites indicados pela Assembleia. Começamos a dirigir o olhar ao futuro, a nossas responsabilidades no tempo vindouro e às pautas que devem orientar nosso governo geral.

12. Recebidas as nomeações, fomos novamente ao Santuário para que nossas autoridades fizessem a profissão de fé, pondo-se sob a proteção da Virgem. A seguir pronunciaram o juramento de fidelidade. Na mesma cerimônia, aos pés da Mãe e confiando-nos aos seus cuidados, todos nós renovamos nossos compromissos de plena disponibilidade apostólica, entregando de novo a seu Filho nossas vidas e nossos corações. Assim, nesse lugar santo e diante do olhar terno da Virgem, nós, seus filhos sodálites, acolhemos de novo nossa vocação: pelo dom do Batismo somos filhos e apóstolos⁷; fomos chamados pelo Senhor Jesus e reunidos em um comunidade apostólica em torno de Maria, a Mãe do Reconciliador⁸, para participar na missão evangelizadora da Igreja no coração do mundo⁹, com uma sensibilidade particular frente ao mistério da encarnação e à luz que projeta sobre a realidade do ser humano¹⁰, tão presente em nosso carisma.

13. Ao finalizar a cerimônia, com um delicado ato simbólico, o comissário apostólico acendeu na chama do Círio Pascal as velas que estavam nas mãos das novas autoridades. Depois apagou a vela que levava em suas mãos, declarando concluído o período do comissariamento.

⁶ Ver *Comunicado da V Assembleia Geral Ordinária do Sodalício de Vida Cristã. Perdão e Reconciliação*.

⁷ Ver *Constituições*, 27.

⁸ Ver *Constituições*, 5.

⁹ Ver IV Assembleia Geral, *Conclusões*, 2.

¹⁰ I Assembleia Geral, *Conclusões*, 9.

Na escola de Caná (Jo 2, 1-12)

14. A passagem das Bodas de Caná, tão familiar à tradição espiritual de nossa Sociedade, é o marco bíblico do qual foi tomado o lema da Assembleia¹¹. Este episódio tão significativo do Evangelho foi-nos acompanhando providencial e inesperadamente em diferentes momentos significativos do nosso encontro. Seu explícito caráter mariano cristocêntrico e sua profundidade teológica nos introduz na *escola de Caná*, de onde recolhemos, das mãos de nossa Mãe, importantes pontos inspiradores para o futuro da comunidade. Abertos ao Espírito Santo queremos compartilhá-los à luz da Palavra revelada, seguindo o fio condutor desse episódio da vida do Senhor Jesus.

A Mãe de Jesus estava ali

15. Viemos em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, para reunir-nos em Assembleia sob a proteção de nossa Mãe e implorar-lhe que nos console neste tempo de provação, inspire-nos sua resposta de entrega total a Deus e eduque-nos na humildade e na escuta para assim seguir o Senhor Jesus mais de perto na plena disponibilidade apostólica¹². Como nas Bodas de Caná, reconhecemos que na vida do Sodalício e na de cada sodálite, Maria sempre “está ali”, presente, de maneira silenciosa, discreta, quase imperceptível, mas continuamente ativa.

16. Ao contemplar a pequena imagem de terracota de 36 cm de *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, sentimo-nos **convidados a viver a simplicidade e a humildade**, traços essenciais da espiritualidade de Maria¹³. Ela glorifica a Deus porque contemplou “a humildade de sua serva” (Lc 1, 48): “Diante do mistério da graça, diante da experiência de uma presença particular de Deus que fixou nela o seu olhar, Maria experimenta um impulso natural de humildade (literalmente de ‘humilhação’). É a reação da pessoa que tem plena consciência de sua pequenez diante da grandeza de Deus. Maria contempla a si mesma, aos demais e ao mundo na verdade.”¹⁴ Nós, sodálites, inspirados pela *Mãe Aparecida*, sentimo-nos chamados, hoje mais do que nunca, a reconhecer nossa própria pequenez, a rechaçar a tentação de crer-nos os melhores, de sentir-nos superiores aos demais, da autossuficiência, da soberba autorreferente¹⁵.

17. *Nossa Senhora* desde o início leva em si a marca da reconciliação. Na origem da devoção está o achado do corpo e depois da cabeça da escultura por três pescadores. Trata-se, além disso, de uma imagem restaurada depois de ter-se quebrado em mais de duzentos fragmentos por causa de um atentado. Nestes fatos descobrimos um delicado sinal de *nossa Mãe Aparecida* que nos convida a viver como **comunidade unida e reconciliada**: “Deixem-se reconciliar com Deus” (2Cor 5, 20). A ação do Espírito vai recompondo suavemente aquilo que o pecado fraturou,

¹¹ Ver *Carta do Superior Geral do Sodalício de Vida Cristã, 8 de dezembro de 2017*: “A Mãe [...] nos convida a entrar nesse diálogo feito de amor materno-filial, nesse mistério de comunhão amorosa que nunca se esgota. Indica-nos o caminho para avançar cada dia mais nele: ‘Fazei o que Ele vos disser’”.

¹² Ver II Assembleia Geral, *Conclusões*, 19.

¹³ Ver I Assembleia Geral, *Conclusões*, 8.

¹⁴ São João Paulo II, *Homilia*, 1 de novembro de 2000.

¹⁵ Ver *Ritual da Confirmação*.

sara as feridas do coração, compõe as relações pessoais, coloca cada coisa em seu lugar para forjar a unidade na multiplicidade.

18. Nós, sodálites, somos diferentes entre nós, assim como são únicas as relações entre as Pessoas divinas. Não há corações nem olhares repetidos. Cada um é portador de seus talentos e dons pessoais, de sua história e sua bagagem familiar, geracional e cultural, pois **é única a própria relação com Deus**. Queremos viver a **unidade**, que não é uniformidade, pois é Deus quem nos congrega em um só corpo e um só espírito como sinal da unidade da Igreja¹⁶. “Assim como nosso corpo, em sua unidade, possui muitos membros, e todos os membros não desempenham a mesma função, assim também nós, sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo e, cada um por sua vez, é membro dos outros. (Rom 12, 4-6)¹⁷.”

19. Maria “está ali” participando de uma festa de casamento, onde parentes, amigos e conhecidos se juntam para celebrar o nascimento de uma nova família. Esse ambiente festivo e familiar, de que Maria faz parte, nos recorda que o carisma e a espiritualidade sodálites não são uma realidade teórica, nem uma experiência fechada que nos pertence exclusivamente. Somos parte de uma ampla **família espiritual** no interior da Igreja, onde vivemos corresponsavelmente o carisma recebido do Espírito Santo. Ele nos anima a renovar-nos na vivência deste dom comum à família sodálite e na busca da participação de todos, cada um segundo a própria vocação, condição e estado de vida, na missão comum¹⁸.

Jesus foi convidado...

20. Na passagem, Jesus é o único mencionado por seu nome. Maria é aludida sempre em relação a Ele (“a mãe de Jesus”). O mesmo ocorre com os discípulos. Os nomes dos noivos tampouco aparecem. **Jesus é o protagonista** e o centro de todo o relato. Não podemos compreender a fundo nossa identidade nem nossa história senão em relação a Cristo¹⁹.

21. O Evangelho de João descreve o início do ministério do Senhor ao fim de uma semana completa que termina em Caná na Galileia. Como Deus, que termina a obra da criação em sete dias, Jesus realiza no sétimo dia o seu primeiro *sinal*, que inaugura a nova economia salvífica (ver Jo 1, 19-2,12). O Verbo encarnado, crucificado e ressuscitado, é o **centro e fim da história humana, primogênito de toda a criação**²⁰. NEle “Deus criou tudo que existe e nEle quis recapitular todas as coisas” (Ef 1, 10). O plano salvífico de Deus é onicompreensivo, envolve todos os homens de todos os tempos e, portanto, a história pessoal de cada um de nós. Nada escapa ao desígnio salvador de Deus, que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento pleno da verdade (ver 1Tim 2, 4), a Verdade que nos faz livres (ver Jo 8, 32).

22. Portanto, não só o bem, mas também o mal, deve ser visto e compreendido à luz de Cristo Reconciliador em quem “Deus estava reconciliando o mundo consigo” (2 Cor 5, 19) pois “quis n'Ele habitar, para, por meio d'Ele, reconciliar consigo todas as coisas” (Col 1, 19-20). De forma misteriosa e imprevisível, mas sempre eficaz, o Senhor Jesus continua levando a cabo a obra do

¹⁶ *Constituições*, 6.

¹⁷ Ver também 1 Cor 12, 4-6.

¹⁸ Ver IV Assembleia Geral, *Conclusões*, 23.

¹⁹ Ver *Gaudium et spes*, 22.

²⁰ Ver *Gaudium et spes*, 10.

Pai na realidade de hoje (*Jo 5, 17*), esperando levá-la ao seu pleno cumprimento, “reconciliando consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz (*Col 1, 20*).

23. Como aos discípulos de Emaús (*Lc 24, 25ss*), Jesus ressuscitado nos interpela a **ler nossa história pessoal e o peregrinar da comunidade sodálite** não a partir da lógica humana da sucessão de eventos, mas a partir de um olhar no Espírito, a vê-la com os olhos do Pai, a partir dAquele que na Cruz se converte em ponto de convergência e núcleo do plano divino de salvação e reconciliação: “Quando for elevado da terra, atrairei todos para mim” (*Jo 12, 32*).

...com seus discípulos

24. Desde o início de seu ministério Jesus chamou quem Ele quis, para que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar (*Mc 3, 13s*). Nasce assim a primeira **comunidade apostólica**. Cada um de nós também escutou a voz do Mestre que nos chamou por nosso nome a segui-lo mais de perto pela plena disponibilidade apostólica no Sodalício²¹.

25. Caminhar com Jesus é deixar-se formar por Ele nas várias etapas do caminho da vida, encarnando gradualmente seus pensamentos, sentimentos e ações. Sentimos a necessidade de assumir renovadamente a responsabilidade de nossa formação inicial e permanente, pois o Pai “àqueles que antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que Este fosse o primogênito entre muitos irmãos” (*Rm 8, 29*). A formação é, antes de tudo, deixar-nos configurar pelo Pai no Espírito, tal como seu Filho, por quem fomos feitos filhos no Batismo. A pedagogia da participação na filiação e no envio do Verbo encarnado deve fundamentar nosso itinerário formativo, dentro do carisma²² recebido na Igreja e para a Igreja²³.

“Não têm vinho”

26. Maria percebe que o vinho da festa acabou. É uma situação objetivamente difícil, complicada, urgente. A celebração corre o risco de arruinar-se, com a conseqüente aflição dos noivos e o mal-estar dos convidados. Maria é consciente disso. Contudo, não se afoba, não pressiona, não busca por si mesma soluções frenéticas. O coração de Maria tampouco se desconcerta ou desalenta perante a aparente dureza da resposta de seu Filho: “Que queres de mim, Mulher?” (*Jo 2, 4*). Ela **sai ativamente ao encontro** do problema confiando-o a Jesus e convidando os servos do banquete a colocarem-se disponíveis a seu Filho.

27. Diante das exigências e urgências de nossa vida pessoal e comunitária, assim como àquelas próprias da missão apostólica, o testemunho da Mãe nos leva a querer viver a virtude da

²¹ Ver *Constituições*, 1.

²² Ver IV Assembleia Geral, *Conclusões*, 23.

²³ Ver I Assembleia Geral, *Conclusões*, 10; II Assembleia Geral, *Conclusões*, 19.

paciência (ver 2Pe 1, 6)²⁴ e o respeito aos tempos de Deus, pois Ele é o dono da messe e nós somente seus operários (Mt 9,38). Queremos aprender na escola de Caná a ser apóstolos que privilegiam a **escuta e a paciência** sobre a urgência e a pressa que podem conduzir a decisões precipitadas, nem sempre em sintonia com a vontade do Pai.

28. Diante da carência e da necessidade, Maria não diz, de maneira indiferente, “não há vinho”, como quem constata um dado frio da realidade. Tampouco critica, não julga, não se escandaliza. Quase sem que ninguém se dê conta, se aproxima de Jesus para dizer-lhe “não têm vinho”, pois o que mais conta para ela é a **centralidade da pessoa**. Ninguém que se encontre necessitado passa despercebido ao coração de Maria.

29. Por isso, contemplando nossa própria história, não podemos deixar de reconhecer como cada vez que a falta de vinho ameaça roubar-nos a alegria, **Nossa Senhora sai ao nosso encontro**, apresentando nossas necessidades ao seu Filho. Na hora da dor e da provação, nunca estamos órfãos, pois Maria nos rodeia com sua ternura próxima e silenciosa e nos conduz no processo da reconciliação.

30. A fina sensibilidade espiritual de Santa Maria também nos interpela a viver com maior decisão o anúncio evangelizador e a ação solidária com **nossos irmãos mais próximos**, a sair ao encontro daqueles que padecem condições que ferem sua dignidade²⁵. Maria nos ensina a manter viva a reverência para com toda pessoa; a atitude de serviço, de entrega e de gratidão comprometida que devem distinguir todo discípulo de seu Filho²⁶.

“Fazei o que Ele vos disser”

31. A Virgem de Nazaré é a discípula mais perfeita do Senhor²⁷: “É mais importante para Maria ser discípula de Cristo do que ter sido Sua mãe. Mais alegria lhe dá ter sido discípula de Cristo do que Sua mãe”²⁸. Como aos servos da festa, Ela nos mostra com clareza o caminho a seguir: o caminho da **escuta e da obediência**. “Seu serviço aos homens é abri-los ao Evangelho e convidá-los à sua obediência”²⁹.

32. cremos que Deus nos chama neste tempo a cultivar de maneira privilegiada o **discernimento no Espírito** como escuta e acolhida da Palavra às moções que Deus inspira em nós como condição fundamental e imprescindível para viver nossa vocação de discípulos e apóstolos³⁰. O Espírito nos leva a renovar-nos na escuta de sua voz, segundo a escola de Maria, que conservava tudo no coração (Lc 2, 19).

²⁴ Ver Francisco, *Homilia durante a Santa Missa pelas famílias*, Guayaquil, 6 de julho de 2015: “Tenham paciência, tenham esperança, façam como Maria, rezem, ajam, abram o coração, porque o melhor dos vinhos virá. Deus sempre se aproxima das periferias e dos que ficaram sem vinho, Jesus sente-se inclinado a esbanjar o melhor dos vinhos com aqueles que, por qualquer razão, já sentem que se quebraram todas as talhas”.

²⁵ Ver I Assembleia Geral, *Conclusões*, 13.

²⁶ Ver *Documento de Aparecida*, 8.

²⁷ Ver *Documento de Aparecida*, 266.

²⁸ Santo Agostinho, *Sermão 72A*, 7. Comentário de Lc 11, 28: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam”.

²⁹ *Puebla*, 300.

³⁰ Ver *Constituições*, 14: “Os critérios de acertado discernimento devem ser sempre buscados na Palavra de Deus e nos ensinamentos da Igreja, assim como na espiritualidade e disposições do Sodalício”.

33. Uma verdadeira comunidade de apóstolos não pode existir sem a abertura de uns aos outros. Nós, sodálites, queremos viver a escuta recíproca e a acolhida sincera. O respeito à pluralidade de pontos de vista, longe de ameaçar a unidade, enriquece-a e fortalece na vivência da amizade fraterna. A participação corresponsável de todos na missão comum edifica o Corpo de Cristo: “Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo [...] diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12, 4. 6-7).

34. O convite de Maria para fazer “o que Ele nos disser” é para nós um chamado a viver um compromisso renovado na **obediência a Jesus** que deve vir, após acolhermos sua Palavra, no amor e na busca sincera de cumprir sua vontade. A obediência nos configura com o Senhor Jesus, cujo alimento é fazer a vontade do Pai e concluir sua obra (ver Jo 4, 34)³¹. A obediência apostólica³² implica, por um lado, um estilo de governo que sai ao encontro de cada irmão, de cada comunidade, de cada realidade pastoral em chave de serviço e de escuta no Espírito. Por outro lado, viver a obediência apostólica a nossos superiores é a concretização de nossa completa disponibilidade a Deus, vivida na entrega consciente, livre e generosa de nossa existência a serviço do Evangelho e inspirada na obediência de Maria: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

35. “Ninguém pode ter Deus por Pai se não tem a Igreja por Mãe”³³. Nós, sodálites, vivemos nossa **pertença à Igreja universal**³⁴, e a participação em sua ação evangelizadora a partir da inserção e **integração real nas igrejas particulares** onde servimos. Colocar-nos à escuta do Vigário de Cristo³⁵, de nossos pastores e dos demais membros da comunidade eclesial local, assim como uma abertura ao intercâmbio de dons e carismas espirituais, é uma disposição fundamental que queremos cultivar.

“Encham as talhas”

36. A escuta da palavra sem uma ação consequente é estéril. Como discípulos de Jesus queremos fazer o que Ele nos pede (ver Jo 15, 14). **Colaborar com Jesus** inspira-nos a “encher as talhas” para levar o vinho novo do Evangelho a todos que buscam saciar sua sede de Deus. Maria nos anima a pôr nossa ação a serviço de seu Filho. Afasta-nos da tentação voluntarista, do afã mundano de protagonismo e de uma distorcida aproximação para a cooperação com a graça que nos precede e acompanha.

37. As talhas de pedra não estão destinadas a conter vinho. Além disso, eram seis, número que na Sagrada Escritura simboliza a imperfeição. Elas nos recordam nossa **pequenez e insuficiência**. Não fomos escolhidos por nossas capacidades e idoneidades, e sim puramente pelo mistério do amor de Deus e para que sua graça se manifeste em nossa fraqueza (ver Cor

³¹ Ver IV Assembleia Geral, *Conclusões*, 24.

³² Ver Gianfranco Ghirlanda, *El Carisma y la Vida de Plena Disponibilidad Apostólica*, pp. 133-136.

³³ São Cipriano de Cartago, *De Ecclesiae catholicae unitate*, 6.

³⁴ Ver *Constituições*, 11.

³⁵ Ver *Constituições*, 12.

12, 9). Só Jesus é capaz de transfigurar a água de nossa débil fragilidade no vinho da alegria do seguimento de Cristo³⁶.

“Guardaste o vinho bom até agora”

38. “O vinho alegra o coração do homem” (*Sal* 104, 15). A autêntica felicidade nasce da comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo e se irradia em uma vida reconciliada vivida na comunhão com os demais. Ele nos criou à sua imagem e semelhança para uma existência feliz. O pecado lesiona o dom da comunhão e vai secando o vinho da caridade, da comunhão fraterna e do zelo evangelizador.

39. Consola-nos a certeza da fé na **misericórdia infinita do Pai** que está permanentemente disponível ao perdão e nunca se cansa de oferecê-lo de maneira sempre nova e inesperada aos que se abrem a sua graça. O mal nunca tem a última palavra, pois sabemos que “Deus dispõe todas as coisas para o bem dos que o amam, daqueles que Ele chamou segundo seu desígnio” (*Rm* 8, 28).

40. O vinho também é símbolo que nos remete ao sangue de Jesus derramado na cruz, para selar seu pacto nupcial com a humanidade³⁷. A **reconciliação** que Jesus oferece gratuitamente a todo aquele que recorre ao dom de seu amor é o “vinho bom” que sai das talhas da purificação, quer dizer, do lugar onde se deixam os pecados, e transfigura a existência do homem de pecadora em justa. Faz-nos saborear a felicidade de sermos transformados em homens novos salvos na esperança (ver *Rm* 8, 24).

41. Como a Pedro, o Senhor Ressuscitado não cessa de nos oferecer ocasiões para renovar-Lhe nosso amor e ser confirmados por Ele na missão (ver *Jo* 21, 15ss). Queremos empreender um sincero itinerário de **conversão** pessoal como caminho de retorno à casa do Pai (ver *Lc* 15, 18ss), conduzidos por Nossa Rainha e Mãe de misericórdia, purificando nossas intenções e ações para servir à Igreja e dar glória a Deus com nossas vidas, cheios de esperança nAquele que é o único capaz de fazer nova todas as coisas (ver *Ap* 21,5).

“Manifestou sua glória e seus discípulos creram nEle”

42. Durante estes dias vimos quão importante é **lembrar agradecido** a obra de Deus na vida de cada um, da comunidade e na vida das pessoas a quem servimos.

43. **A glória de Deus** se manifesta nas várias possibilidades da vida humana como, por exemplo, em um banquete matrimonial. Os sinais de amor de Deus são eloquentes para todo aquele que vive aberto ao Espírito e enche o coração de consolo e gratidão. Maria aprendeu a ler cada acontecimento de sua vida como um presente de Deus, a contemplar tudo com assombro e

³⁶ Ver card. Raymundo Damasceno Assis, *Homilia durante a V Assembleia Geral do Sodalício de Vida Cristã*, Santuário de Aparecida, 19 de janeiro de 2019: “Viver na alegria é consequência de [...] estar abertos para acolher as surpresas de Deus em nossa vida e conservar a esperança. Quem tem esperança, tem fé em Deus e amor por Ele, e por isso seu coração exulta de alegria”.

³⁷ Ver Bento XVI, *Angelus*, 20 de janeiro de 2013.

a conservar tudo no coração (ver *Lc 2, 19*). Nós também queremos aprender com a Mãe a entoar o Magnificat de quem reconhece a glória de Deus que resplandece no rosto de Cristo (ver *2Cor 4,6*).

44. A partir dessa memória viva da ação divina, pedimos ao Senhor que nos renove na fé e aumente nosso desejo de ser **homens de Deus** que veem, julgam e agem por Cristo, com Ele e nEle, no viver trinitário de filhos no Filho.

“Desceu para Cafarnaum acompanhado de sua Mãe, seus irmãos e discípulos”

45. Em companhia de Maria, também nós, como irmãos e discípulos de Jesus, queremos “descer com Ele”, retornar a nossas comunidades, ao nosso apostolado, a nossa inserção na família espiritual e na Igreja particular, renovados no ardor de dar testemunho do que vimos e ouvimos e compartilhar o vinho novo da vida de Cristo. De graça recebemos, gratuitamente queremos compartilhar (ver *Mt 10, 8*). Os dons de Deus se multiplicam quando se colocam a serviço dos demais. Anunciar Jesus e convidar os outros a segui-IO é a felicidade mais profunda de todo sodálite³⁸.

46. Nossa Senhora da Reconciliação,
que em Caná da Galileia suscitastes com teu amor de Mãe
o primeiro sinal salvífico de teu Filho Jesus,
caminhe conosco nessa nova etapa de nossa vida sodálite,
para que nunca nos falte o vinho bom da presença do Pai
e da alegria no Espírito Santo
que queremos viver, compartilhar e anunciar
em Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

³⁸ Ver São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, 14